

DIALOGANDO CULTURAS: AÇÕES INTERDISCIPLINARES SOBRE ASPECTOS CULTURAIS, EM FORMA DE DANÇA, DA FESTA DE IEMANJÁ DO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE/ RS

RODRIGO LEMOS SOARES¹; ANDRESSA SOARES DE ÁVILA, DANIELLE SOARES JESUS, LUCAS PEDROSO XAVIER, TAMARA LEMOS DA ROSA²; RODRIGO LEMOS SOARES (ORIENTADOR)

¹Universidade Federal do Rio Grande 1 – guidodanca@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – dessah2soares@hotmail.com; daniellesoaresjesus@gmail.com; lukkas_rg@hotmail.com e, Anhanguera Educacional/ Unidade Rio Grande/ RS - tamara_lemos@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo refere-se a um recorte sobre um trabalho de extensão vinculado a experiências de orientação e docência nos diferentes cursos em que atuei enquanto substituto na Universidade Federal do Rio Grande nas seguintes licenciaturas: Artes Visuais, Educação Física, Geografia, Pedagogia e uma discente do curso de Psicologia da Anhanguera Educacional. O curso no qual estava vinculado é o de Educação Física o qual percebo permeado por múltiplos atravessamentos, dentre eles, a Cultura Corporal de Movimento e as Corporeidades. O objetivo do projeto e agora escrita refere-se a diálogos com o componente curricular Culturas do Movimento Humano II, na qual foi proposto aos discentes que buscassem um tema cultural do município do Rio Grande para desenvolvermos dinâmicas extensionistas (oficinas, palestras, cursos e produção de textos), em prol de discussões e debates sobre acontecimentos que forjam parte das culturas e identidades do município do Rio Grande/ RS. Das temáticas levantadas e apresentadas pelo grupo o presente recorte é sobre as danças afro, vinculadas ao evento religioso Festa de Iemanjá realizada na cidade do Rio Grande/ RS. Logo, no ingresso na Universidade Federal do Rio Grande, como docente senti a necessidade de estimular xs discentes as operarem com as culturas locais em seus estudos e projetos/ planos de aula. Deparei-me com inúmeras possibilidades para entender a pluralidade dos corpos e culturas voltados a diferentes campos e saberes. Expostos estes impulsos iniciais, busquei articular os espaços conforme preconiza a regulamentação desta instituição, operando um projeto cultural com base no tripé – ensino, pesquisa e extensão.

2. METODOLOGIA

Dividimos o grupo para que cada umx fosse visitar centros religiosos de matriz africana. Ainda sestosos fomos a campo, encorajadxs por um ímpeto de manifestação e de afirmação de uma identidade¹ religiosa. Realizamos uma vigília durante a festa de Iemanjá do ano de 2016, visitando os terreiros que lá estavam, entrevistamos xs responsáveis pelas instituições e realizamos apontamentos em diários de campo. Após dois meses de visitas e encerrada a Festa de Iemanjá marcamos uma reunião para debatermos nossas aprendizagens. Percebemos diferentes transposições, implantações e adequações nos terreiros, estabelecendo assim, um complexo cultural que, também, se expressa através de associações religiosas, nas quais, as danças, seus artefatos e manifestações se

¹ Para Tomás Tadeu da Silva (2000, p. 96) [...] nossa identidade, assim, não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.

mantém e, por ora se renovam. Estruturamos, a partir desses caminhos oficinas e um curso sobre mitologia e movimentações dxs Orixás africanxs utilizando-nos de referenciais como PRANDI (2001) e SÁLÂMÌ (1990).

Nas oficinas e curso executamos um trabalho de condicionamento físico, seguido de jogos rítmicos, bem como de dinâmicas sobre expressão corporal, improvisação e contato. Iniciamos nossos encontros questionando sobre o que sabiam/ conheciam de dança-afro religiosa, se já haviam frequentado centros espíritas de Umbanda, Quimbanda, Candomblé ou outros de matrizes africanas. Estruturamos o curso em dois turnos subdividindo-o em uma escala dxs orixás. A fase inicial foi sobre: Oxalá, Iemanjá, Bará, Oxúm, Ogum, Obá. Já, na segunda trabalhamos com: Xangô, Iansã, Odé, Otím, Xapanã, Ossanhê. Em cada uma discutimos um pouco sobre a mitologia dessxs deusxs africanxs, e em seguida, fomos para as movimentações específicas de cada umx, utilizando-nos de descritores sobre arquétipos e adereços/ armas que cada umx apresentava em sua mitologia. Depois estimulávamos xs participantes a construírem suas visões sobre xs orixás, a partir do que havíamos estudado, discutido e vivenciado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aporte cultural escolhido, a festa de Iemanjá² é um evento de cunho religioso, fixo no calendário festivo cultural do município do Rio Grande – RS, coordenada pela União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-brasileiros Mãe Iemanjá (URUMI) na pessoa do babalorixá³ Pai Nilo de Xangô conta com público de diferentes regiões e religiões. Demarco que essa escolha se pautou pelas experiências⁴ (LARROSA, 2002) que o grupo havia mencionado ao longo dos nossos encontros semanais. Ademais a isso, tenho compreendido que a religião tem sido um contraponto a vida acadêmica, uma vez que as relações entre fé e ciência parecem silenciadas. No entanto, observo nas culturas afro, nas danças em específico, um campo investigativo no qual a cada visita, em outras conversas se assentam novas interrogações e possibilidades de problematização sobre as práticas corporais que envolvem este recorte em estudo. Nos embasamos no campo teórico dos Estudos Culturais⁵ em suas vertentes pós-estruturalistas⁶ e por este viés mergulhamos nas pedagogias, pensando-as

² Consta que, na data de 1º de fevereiro de 1963, o então vereador de Rio Grande, João Paulo Araújo organizou a primeira festa dedicada a Iemanjá, na praia do Cassino, em Rio Grande – RS. No ano de 2016 foi realizada a 39ª edição da mesma. Para mais ver: **Blog Festa de Iemanjá na Praia do Cassino Rio Grande - RS - Brasil**. Disponível em: <<http://festadeiemanja.blogspot.com.br/>>

³ Pode ser chamado de Pai – de Santo, em suma é um chefe espiritual e administrador de uma casa de religião ou centro espírita cuja matriz religiosa seja o africanismo (Umbanda, Quimbanda, Batuque, Candomblé, entre outros), responsável pelo culto aos orixás - candomblezeiro.

⁴ Para Jorge Larrosa (2002) a experiência é "o que nos acontece" e não "o que acontece" e o saber da experiência, os sentidos que damos a este acontecido em nós. Então, saberes da experiência não poderiam ser vinculados a conhecimentos e verdades universais e únicas: "Trata-se de um saber finito, ligado à experiência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...], por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal" (*Ibid.* p.27).

⁵ Enquanto características os Estudos Culturais podem ser entendidos como um campo de teorização e investigação que se utiliza de diversas disciplinas para estudar os processos de produção cultural da sociedade [...] preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder (SILVA, 2005).

⁶ Silva (2005) descreve que, o pós-estruturalismo pode ser entendido como "uma continuidade e, ao mesmo tempo, como uma transformação relativamente ao estruturalismo" (p.118). Essa vertente concebe à linguagem enquanto "sistema de significação". Apresenta deslocamentos em relação ao estruturalismo, no que diz respeito à "passagem de uma noção de fixidez e rigidez da

enquanto processos sociais que ensinam, que estão implicados na produção e interlocução de significados atribuídos a um determinado grupo e/ou contexto. Complemento meu pensamento com as discussões produzidas, sobre pedagogia invisível (BERNSTEIN, 1984) as quais já indicavam que as práticas pedagógicas não se limitavam às escolares explícitas ou institucionalizadas. Enfatizo aqui o papel dessas vertentes religiosas como veiculadoras de pedagogias culturais, a partir do momento que ensinam sobre comportamentos, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes. Segundo STEINBERG e KINCHELOE (2001) as pedagogias culturais supõem que a educação ocorra “numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar [...]” (p.14).

Articulo a este pensamento uma ideia de Neira (2009), ao expor que ao trabalharmos as danças necessitamos realizar um estudo sobre as mesmas, a fim de não banalizarmos as culturas envolvidas neste processo. Sendo assim, por meio das vivências e debates nos três dias iniciais de curso, preconizei aprendizados que contemplassem recortes históricos e signos de gestos dxs orixás, direcionando estes saberes a diferentes ritmos e corpos. Esse processo foi preconizado no planejamento da Educação Física e Educação Artística, como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997 a - b). Outro aporte utilizado foi o Guia de Educação Patrimonial HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO (1999). Resumidamente, os processos contidos na obra indicam que após definir-se o objeto de estudo, no caso, as danças afro religiosas, x educadorx necessita seguir quatro momentos para o conhecimento de um bem cultural, sendo eles: a observação, o registro, a exploração e apropriação.

Além do preparo da coreografia solicitada pelo grupo, tentei conduzi-lxs para o que estavam prestes a fazer, de modo a refletirem sobre esta manifestação artístico-cultural, uma vez que coreografá-lxs em dança-afro religiosa pressupunha não só um novo gênero para elxs, mas sim fazê-lxs mergulhar em outro campo histórico-cultural. Nesse intuito, deixei que produzissem movimentos, a partir do que havíamos estudado e das questões pertinentes às experiências vividas por elxs nos locais em que visitaram. Segundo Sborquia e Neira (2008) compete ax professorx proporcionar diferentes experiências, ao trabalhar com contextos histórico-culturais específicos, dentre eles as danças populares e folclóricas. Ainda, estxs autorxs indicam que a viabilização de práticas com as danças precisam apropriar-se do universo cultural envolvido, seja ele próximo e/ou afastado dxs discentes/ dançantes/ comunidade em geral.

Partimos da ideia de que os corpos e as culturas eram um dos pontos de interseção entre os diferentes cursos envolvidos no projeto e que essa questão estaria inscrita na nossa identidade extensionista. Conseguimos minimamente mapear alguns saberes sobre os corpos e movimentos, posterior a isso, realizado um aprofundamento em uma cultura de dança afro religiosa e buscamos uma possível ampliação dos saberes dxs participantes do grupo sobre xs orixás, suas mitologias, lendas e movimentações e, por último realizamos uma leitura dos aprendizados, o que nos proporcionou dançarmos, aos sons, ritmos e culturas dessas matrizes afro religiosas. Reitero que realizar este levantamento foi meu ponto de partida para consolidação do plano de ensino, dei a ele o nome de diagnóstico de comunidade, sendo a porta aberta para planejar as outras etapas.

significação para uma na qual a linguagem é fluida, contingente e instável” (*idem*). “compreende a linguagem como uma ferramenta não neutra” (p. 120). Somado a estas afirmativas Silva (*idem*) argumenta que, nesta perspectiva, “não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social”.

4. CONCLUSÕES

Discutir construções sobre culturas afro constituiu-se como um dos pontos chave do estágio, por meio das memórias e experiências religiosas do grupo. Utilizando-me de debates sobre danças e religiosidades afro consegui deslocar verdades acerca de culturas afro-brasileiras e algumas de suas manifestações. Através das danças buscamos marcas da ancestralidade das culturas negras em Rio Grande - RS. Creio que minhas relações com este gênero de danças como linguagem corporal permitiram-me olhares sobre a etnia negra pensando sobre histórias e memória que me constituíram, considerando aspectos relacionados à escravidão, diáspora e principalmente religião. Embasado nestes saberes, ensinado de forma oralizada que ocorreu minha imersão nas danças afro-brasileiras, pautando-me por questões de lutas, resistências, religiosidade, saberes e fazeres em forma de memória viva, por ora, traduzidos em movimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, B. Classes e pedagogia: visível e invisível. **Cadernos de Pesquisa**, n. 49, 1984. pp. 36-42.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Artística**/ Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997a.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** /Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997b.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN. Museu Imperial, 1999.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan-Fev-Mar-Abr. n 19.2002. pp. 20 – 28.

NEIRA, M. G. **Educação Física, currículo e cultura**/ Marcos Garcia Neira, Mário Luiz Ferrari Nunes. – São Paulo: Phorte, 2009.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SÀLÁMÌ, S. **A Mitologia dos Orixás Africanos**: Coletânea de Àdùrà (Rezas), Ibá (Saudações), Oríkì (Evocações) e Orin (Cantigas) usados nos cultos aos orixás na África. (Em iorubá com tradução para o português). Vol. I: Sàngó/Xangô; Oya/lansã; Osun/Oxum e Obà/Obá. São Paulo: Oduduwa, 1990.

SBORQUIA, S. P.; NEIRA, M. G. As danças folclóricas e populares no currículo de Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência** (Florianópolis), v. 31, p. 79-98, 2008.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, pp. 111-124.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. [Org.]. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 73-102.

STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. L. [Orgs.] **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.